



“Enquanto você lia este texto, mais um brasileiro morreu por causa do coronavírus”. Pandemia, necromídia e estética da morte na *Folha de S. Paulo*

Fagner Torres de França¹

Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Lilian Carla Muneiro²

Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Resumo: O presente artigo tem por objetivo ampliar o conceito de *Necropolítica*, desenvolvido pelo pensador camaronês Achille Mbembe (2018), para outras áreas da vida social, mais precisamente a mídia. Trabalhamos com duas hipóteses. 1. A sociedade midiaticizada é cada vez mais voltada para a exibição da violência e da morte como espetáculo, processo acentuado nos últimos cinco meses devido à pandemia do coronavírus. 2. Os jornais tentam empreender um movimento de retorno ao protagonismo na formulação das narrativas que circulam socialmente enquanto apelam para uma estética da violência. Nosso material empírico são duas edições do jornal **Folha de S. Paulo**, nas quais a empresa demonstra com transparência sua estratégia de estetização da morte.

Palavras-chave: Necropolítica; Necromídia; Folha de S. Paulo; Pandemia; Achille Mbembe.

1. Introdução, ou sobre quando a realidade se torna monstruosa.

“Os arquivos da cidadezinha de Cagliari, na Sardenha, contêm o relato de um fato histórico e incrível” (ARTAUD, 2006, p. 9). Assim começa o poeta francês Antonin Artaud um de seus mais conhecidos escritos, *O Teatro e a Peste*. Trata-se de um relato datado, segundo ele, de 1720. Na cidade de Marselha, o atracamento do navio

¹ Jornalista, mestre e doutor em Ciências Sociais pela UFRN. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. E-mail: fagnertf@yahoo.com.br.

² Jornalista, Msc. em Comunicação e Linguagens (UTP), Dr^a. em Comunicação e Semiótica (PUC/SP). Professora do Departamento de Comunicação da UFRN. E-mail: lilianmuneiro@gmail.com

Grand-Saint-Antoine coincidiu com “a mais maravilhosa explosão de peste” (Id.) já vista na cidade.

Sob a ação do flagelo, os quadros da sociedade se liquefazem. A ordem desmorona. Ele assiste a todos os desvios da moral, a todas as derrocadas da psicologia, escuta em si mesmo o murmúrio de seus humores, corroídos, em plena destruição, e que, num vertiginoso desperdício de matéria, tornam-se densos e aos poucos metamorfoseiam-se em carvão. (...) O *Grand-Saint-Antoine* não levou a peste a Marselha. Ela já estava lá” (ARTAUD, 2006, pp. 9-11).

A narrativa registrada por Artaud deixa claro: a peste chega antes, e, como rumor, antecede a doença. Enquanto rumor, portanto ação comunicativa, é tão letal quanto o vírus, uma vez que duplica o acontecimento por meio de narrativas sempre perigosas e fantasiosas. É difícil dizer se o *Grand-Saint-Antoine* trouxe realmente a peste a Marselha, mas isso talvez não importe. O fundamental é que o pânico moral levou as pessoas a agirem como se assim tivesse sido, liquefazendo os quadros da ordem social. Todos são suspeitos, mesmo que se prove o contrário.

Algo semelhante aconteceu no final dos anos 1960 em Orleans, pequena cidade no centro-norte da França. Em 1969, Edgar Morin (1969) e sua equipe de pesquisadores são convidados a investigarem um rumor inusitado. Mulheres jovens e belas estariam sendo raptadas das lojas de roupas pertencentes a judeus. Drogadas e encapuzadas, são levadas a uma espécie de submarino que desemboca no rio Loire, com destino a um desconhecido mercado de escravidão sexual. Jamais nenhum caso foi comprovado. A polícia e a imprensa não registraram um fato sequer.

Tratava-se, portanto, de um rumor em seu estado mais puro, sem interferência de outras redes de comunicação. Morin e seu grupo chegam a uma conclusão. O boato em si não se sabe muito bem como surgiu, mas guardava relação com duas ideias sobrepostas, uma de fundo arcaico e outra fruto da modernidade: o medo em relação ao judeu como figura carregada de um certo estranhamento perigoso (**Figura 1**), e o florescer de uma revolução de costumes relacionada também à liberdade sexual dos anos 1960, que se refletia no imaginário das pessoas, bem como nas ações. A peste sempre esteve lá, no inconsciente coletivo da população de Orleans, como de resto em toda em toda a humanidade. De tempos em tempos ela ressurgiu, com formas e conteúdos epocais e singula-

res. Atualmente já temos um nome para esse tipo de situação: *Infodemia*, uma epidemia informacional.



Figura 1. Recorte de jornal à época.³

Em seis de maio de 2020, o poeta e diplomata brasileiro na Coreia do Sul Felipe Fortuna escreve, na **Folha de S. Paulo**, texto no qual aborda a transformação da realidade em algo monstruoso⁴. No hotel onde estava hospedado, estavam também atores, atrizes e dançarinos/as da peça *O fantasma da ópera*, em turnê pelo país. Em certo momento, interagindo com umas das atrizes no hall do hotel, e já sabendo da pandemia que se avizinhava, Fortuna pergunta a ela se o grupo não tinha medo do vírus. “Pessoalmente não”, ela responde. “E quanto ao público?”, pergunta Fortuna. “Acho que o país está preparado caso algo aconteça”, respondeu ela, otimista e sorridente.

No seguinte dia, decreta-se quarentena no mesmo estabelecimento. Ninguém entra ou sai. Todos/as os/as hóspedes são recomendados/as a permanecerem em seus aposentos. Haverá um teste em massa, por meio de um algodão na ponta de um palito apertado contra a parte interna das bochechas. O resultado sairia no dia seguinte. Por mensagem via telefone, Fortuna é informado do seu diagnóstico: negativo. Inicialmente um alívio, mas aí tudo começa a mudar. “E seu peguei o vírus depois do teste?”; “com quais pessoas tive contato nas últimas 24h?”; “será que estão todas elas saudáveis?”; “lembro que deslizei o braço no corrimão da escada. Estava ele contaminado?”; “talvez a maça-

³ Diz a manchete, em tradução livre: “Campanha racista em Orleans: é por um acaso que os comerciantes falsamente acusados de ‘tráfico de brancas’ são todos israelitas?”.

⁴ FORTUNA, Felipe. **Realidade ficou monstruosa, diz poeta que temeu contrair coronavírus**. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/05/realidade-ficou-monstruosa-diz-poeta-que-teveu-contrair-coronavirus.shtml>. Acesso em 06 agosto de 2020.

meta do quarto”. A narrativa, verdadeira, lembra os momentos em que Gregor Samsa (KAFKA, ????) percebe sua transformação em um inseto, ao acordar de sonhos intranquilos.

A incerteza se instala em Fortuna, assim como em todos nós. Aliás, diz o pensador francês Edgar Morin, vivemos, no momento, um festival de incertezas. Não estamos seguros de nada,

Não estamos seguros da origem do vírus: se foi o [mercado insalubre de Wuhan](#) ou o laboratório vizinho. Não sabemos ainda as [mutações que o vírus sofreu](#) e poderá sofrer durante o curso de sua propagação. Não sabemos quando a **epidemia** refluirá ou se o **vírus** permanecerá endêmico. Não sabemos até quando, nem até que ponto, o [confinamento](#) nos submeterá a proibições, restrições, racionamentos. Não sabemos quais as consequências políticas, econômicas, nacionais e planetárias das restrições causadas pelos confinamentos. Não sabemos se devemos esperar o pior, o melhor, ou uma mistura dos dois: caminhamos em direção a **novas incertezas**.⁵

A incerteza exacerbada que nos habita é facilmente explorada, tanto pela política quanto pelos meios de comunicação de massa e redes sociais. Desde Hobbes (1983) ficamos sabendo que o medo é o principal afeto que nos mobiliza. Governantes e meios de comunicação usam e abusam deste mecanismo. Esse é o motivo de expandirmos o conceito de necropolítica ao de necromídia. Política e mídia não são apenas o “espelho da sociedade”, como diz o jargão comum. São instâncias que participam da realidade ao mesmo tempo em que a criam e atuam, gerenciando o medo e os demais sentimentos. O medo é elemento fundamental na produção dos corpos dóceis.

2. “O inferno são os outros”, mas “eu é um outro”.

As frases acima foram ditas por Jean-Paul Sartre (1977) e Arthur Rimbaud (2002), respectivamente. No entanto, são complementares. Sartre, profundo conhecedor do materialismo dialético, sabia que o “eu” só pode existir na relação com o outro, que me reconhece enquanto tal. Portanto, eu sou o outro (ou seja, o inferno) de alguém. Por isso há assassinatos sem morte do corpo, como os assassinatos de reputação, os *cance-*

⁵ MORIN, Edgar. **Um festival de incertezas**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599773-um-festival-de-incerteza-artigo-de-edgar-morin>. Acesso em 18 jul 2020.

lamentos digitais, no jargão moderno. Em suma, é possível morrer em vida. É a chamada morte social, bastante conhecida no Brasil pelos povos originários e pelos negros pobres que abarrotam as cadeias brasileiras.

Existir é comunicar e fazer-se ouvir, já dizia Paulo Freire em 1968:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão. (FREIRE, 2019, p. 108, grifos do autor).

Trata-se, portanto, de uma “partilha do sensível”, como diria Jacques Rancière (2005). Ou seja, quem pode falar e o que pode falar. Esse é também um problema de mediação, de comunicação. O suspeito que se pronuncia no programa de televisão já é culpado, mesmo que prove o contrário. Os meios de comunicação de massa se relacionam, assim, com a necropolítica. Pois seu efeito, por vezes, é o silenciar algumas vozes enquanto legitima outras.

Freire (2019) resgata dois conceitos do filósofo alemão Erich Fromm profundamente atuais, que serve para pensarmos o Brasil atual em termos de mídia e política: necrofilia e biofilia. Tanto a mídia quanto a política, em seus respectivos campos, pretendem exercer controle sobre determinada população. Portanto, mídia e política são instâncias necrófilas, “nutre-se do amor à morte e não do amor à vida” (p. 90), ao contrário dos poderes biófilos, que amam a vida em detrimento da morte. É justamente aqui que encontramos Achille Mbembe (2018) e seu potente conceito de necropolítica, que estendemos para a ideia ainda em construção de necromídia.

Mbembe parte do princípio de que “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (2018, p. 5). Essa questão passa pela partilha da visibilidade. A visibilidade dita em grande medida quais os corpos passíveis de luto e quais os corpos condenados ao esquecimento, ou seja, à própria sorte. Tal consenso é construído socialmente e tacitamente pelos dispositivos midiáticos e, como vemos amplamente hoje no Brasil, pelo poder político. Sendo os dispositivos midiáticos aquelas instâncias por meio das quais garan-

timos nossa visibilidade pública e, portanto, nosso direito de existência e reconhecimento (daí a busca frenética pelos nossos 15 minutos de fama), o que grande parte da mídia necrófila nos entrega hoje é justamente a erosão do outro.



Figura 2: gravura de Francisco Goya sobre os desastres da guerra civil espanhola

A gravura acima, do pintor espanhol Francisco Goya, foi utilizada pela escritora estadunidense Susan Sontag para falar do horror da guerra a partir das imagens veiculadas diariamente pelos meios de comunicação. Que efeito tais imagens exercem em quem as vê? Essa é a indagação principal de Sontag em seu ensaio *Diante da dor dos outros* (2003). Mal sabiam Goya, ou Sontag, de como essas imagens seriam banalizadas pelos meios de comunicação de massa. Em seu livro, Sontag conclui que já não há um outro para o qual a imagem faça apelo ou sensibilize. No máximo, provoca um leve incômodo. Nossa posição, em geral, é a do *voyeur* que, como na gravura de Goya, apenas contempla sem surpresa e com uma ponta de tédio a imagem do outro.

Tânatos triunfa diante de Eros. Essa conclusão é admitida também pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Segundo ele,

a erosão do outro por ora ocorre em todos os âmbitos da vida e caminha cada vez mais de mãos dadas com a narcisificação do si-mesmo. O fato de *o outro desaparecer* é um processo dramático, mas, fatalmente avança, de modo sorrateiro e pouco perceptível. O eros aplica-se em sentido enfático ao outro que não pode ser abarcado pelo regime do eu. (2017, p. 8, grifo do autor).

É o que o autor chama de “inferno do igual, que vai igualando cada vez mais a sociedade atual” (Ib.). O impulso em direção ao outro enquanto abertura para o mistério está, portanto, comprometido. A descentralização do pensamento prometida pelas redes sociais digitais desandou em bolhas identitárias, onde me protejo da diferença e do horror que o outro me traz. Essa é uma atitude, portanto, necrófila. É o assassinato simbólico do outro. O capitalismo, como diz Bauman (2008) elimina a alteridade para transformá-la em consumo, em coleção de amigos no Facebook® ou de *matches* no Tinder®.

O erotismo, diz Bataille, “é um estado de comunicação que revela a busca de uma continuidade do ser para além do voltar-se sobre si mesmo” (1987, p. 28). Também o mundo vira objeto de contemplação, uma relação social mediada por imagens, como afirma Guy Debord (2000) acerca da sociedade do espetáculo. Em *Simulacros e simulação* (1991, p. 9), Jean Baudrillard considera que “a era da simulação inicia-se, pois, com uma liquidação de todos os referenciais – pior: com a sua ressurreição artificial nos sistemas de signos”.

3. A necromídia e as estratégias fatais

Queremos, com isso afirmar, cinco questões desafiadoras para o mundo em geral, e para o jornalismo em particular. Questões que até então não nos apresentam respostas concretas: 1. o espetáculo se dá em detrimento do outro, que se me apresenta como imagem e a quem devoro como imagem, consumo e/ou delete enquanto pura imagem ou um deslizar de dedos; 2. a crise política e democrática é também uma crise de mediação, inclusive no jornalismo. As opiniões “próprias” disseminadas nos grupos pessoais de redes sociais são mais importantes do que aquelas informações emitidas por jornalistas e seus interesses próprios que não se sabe bem quais são, enquanto os amigos com quem divido as redes sociais são pessoas que confio; 3. há um certo fascismo que se manifesta na cacofonia de vozes proporcionada pela descentralização dos meios de

emissão e recepção de informação. Se todos podem falar, torna-se mais difícil estabelecer uma hierarquia dos conhecimentos. Tudo pode ser relativizado em benefício das opiniões particulares, como a “opinião terraplanista” segundo a qual os cientistas estão todos errados ao afirmarem a esfericidade da terra ou emitirem suas “opiniões” sobre o aquecimento global. Sendo assim, o fascismo não está em calar, mas em fazer falar; 4. Nesse imbróglio, os antigos meios de comunicação de massa de modelo um-todos, como jornais impressos e telejornais, tentam retomar seu poder de mediação por meio de campanhas de conscientização e valorização do trabalho jornalístico. Uma notícia precisa ser apurada por um/a profissional com capacidade e formação, e que para isso recebe um salário; 5. os meios de comunicação de massa passam a se tornar autorreferenciais, como podemos inferir da citação de Baudrillard segundo a qual a era da simulação se inicia com a destruição de todos os referenciais.

Para este último caso temos um exemplo recente. Durante a pandemia, os principais jornais e portais do país, em suporte online, abriram seus cadernos dedicados ao coronavírus para pessoas não assinantes. Salvo raras exceções, desde que o coronavírus foi detectado no Brasil, todas as manchetes de jornais são dedicadas a ele, à contagem do número de mortos e infectados no país, com gráficos sofisticados exibindo dados por região, curvas, viés, condição dos hospitais etc.

Vejamos a manchete abaixo (Figura 3):



Figura 3. Dia 5 de junho de 2020

Atentemos para o fato da perda do referente. O jornal faz alusão a si próprio. Decidiu por dar a manchete da manchete. Talvez o leitor não tivesse percebido o esforço. Não custa nada esclarecer. No intuito de registrar a “marca de um morto por minuto” no Brasil, a **Folha** então capricha no visual. Inicialmente, o jornal convida a cartunista Laerte para tratar do tema, segundo mostra a Figura 4.



Figura 4. A cartunista Laerte prepara uma série de cartuns para marcar o dia em que o Brasil passou a registrar uma morte por minuto. A imagem acima é apenas uma de uma série de 32 cartuns com o mesmo tema.

De acordo com o texto do cartum acima, todo um núcleo de pessoal foi mobilizado no intuito de criar uma estética singular e marcante para o número de uma morte por minuto. Não foi suficientemente bom. Na continuação do texto, o pessoal mobilizado pelo núcleo de tecnologia e imagem do jornal decide optar por uma estética mais direta: o “dark mode”, modo escuro, cor universal do luto, contrastando com o macacão branco dos agentes de saúde responsável por enterrar os mortos (Figura 5):

Ainda na sexta, a Tecnologia do jornal sugeriu o uso do modo escuro. Para isso, a **Folha** transformou em padrão para o usuário o chamado 'dark mode', um recurso de acessibilidade já disponível no site. O botão, que fica dentro do menu vertical de navegação, voltará a ser disponibilizado quando modo escuro for retirado.



Homepage da Folha em 4/6, dia em que Brasil bateu marca de um morto por minuto de Covid-19 - Reprodução

Figura 5. “Dark mode”.

Mas não foi suficiente. A **Folha**, ainda insatisfeita com o resultado, decidiu incluir uma terceira estratégia espetacular. No dia seguinte, daria manchete de primeira página inteira para o desastre, como mostra a Figura 6 abaixo, com direito a um final dramático e apelativo, recorrendo à consciência do leitor.



Figura 6. “Enquanto você lia esse texto, mais um brasileiro morreu por causa do coronavírus.”

4. Discussão final

Trabalhamos nosso texto no sentido de demonstrar duas hipóteses. A primeira entende que a sociedade do espetáculo (2000) descrita por Guy Debord em 1967 continua firme e operante. Agora, com arsenal imagético muito mais poderoso e sofisticado.

E não apenas isto. A possibilidade de recurso a imagens cada vez mais espetaculares converge com a ideia da violência como espetáculo, principalmente em tempos de pandemia, quando chegamos a registrar uma morte por minuto no Brasil devido ao coronavírus.

Tentamos mostrar também, a partir de autores como Susan Sontag (2003), Jean Baudrillard (1991) e Paulo Freire (2019), que a acentuação da violência enquanto imagem e espetáculo se dá em detrimento da erosão do outro enquanto imagem para consumo, contemplação e descarte, como sugere Sontag a partir das gravuras de Francisco Goya sobre a guerra civil espanhola. Sontag compreende que a banalização da imagem da violência desconstrói o outro enquanto instância de reconhecimento da nossa própria existência. Nesse sentido, Byung-Chul Han (2017) nos ajudou com a noção da tendência de narcisificação de si no mundo atual.

Como material empírico, usamos duas edições do jornal **Folha de S. Paulo**, nas quais o jornal expõe claramente ao público sua estratégia de estetização da morte e da tragédia. Nesse mesmo movimento, tanto a **Folha** quanto os demais jornais e portais brasileiros tentaram fortalecer a necessidade, a legitimidade e a centralidade do discurso jornalístico em relação ao número de informações que estão circulando desde o início da pandemia. No dia 26 de julho de 2020, a coluna da atual Ombudsman Flávia Lima explica que “Combater esses abusos [de *Fake News*] pode, inclusive, fortalecer o jornalismo, à medida que a imprensa também é alvo de desinformação formulada para desacreditar o seu conteúdo e colocá-la sob suspeição”⁶.

Por fim, mostramos como a estratégia do jornalismo atual, ao negar ou erodir a posição do outro a partir de uma estetização da tragédia conduz a uma ampliação do conceito de necropolítica (MBEMBE, 2018). A partir deste conceito pensamos em uma ideia de necromídia. Não por ditar diretamente quem pode morrer e quem deve viver. Mas, na partilha e reprodução desigual da visibilidade, de forma indireta acaba por decidir a importância de cada vida. E a vida visível é, nesse sentido, a que vale mais.

⁶ LIMA, Flávia. **Fake News na mira da lei**. Embaralhar erro e conteúdo fraudulento presta um serviço apenas a este último. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/flavia-lima-ombudsman/2020/07/fake-news-na-mira-da-lei.shtml>. Acesso em: 06 agosto de 2020.

Referências

ARTAUD, Antonin. O teatro e a peste. In: **O teatro e seu duplo**. Trad. Teixeira Coelho, Revisão Mônica Stahel. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre. L&PM, 1987, p. 28.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Trad. De Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991, p. 9.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Trad. Carlos Alberto Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

FORTUNA, Felipe. **Realidade ficou monstruosa, diz poeta que temeu contrair coronavírus**. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/05/realidade-ficou-monstruosa-diz-poeta-que-teveu-contrair-coronavirus.shtml>. Acesso em 06 agosto de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 67ª Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. (Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva). 3. ed. São Paulo: AbrilCultural, 1983. Col. Os Pensadores.

LIMA, Flávia. **Fake News na mira da lei**. Embaralhar erro e conteúdo fraudulento presta um serviço apenas a este último. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/flavia-lima-ombudsman/2020/07/fake-news-na-mira-da-lei.shtml>. Acesso em: 06 agosto de 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: N – 1, 2018.

MORIN, Edgar. **La Rumeur d'Orleans**. Paris: Seuil, 1969.

MORIN, Edgar. **Um festival de incertezas**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599773-um-festival-de-incerteza-artigo-de-edgar-morin>. Acesso em 18 jul 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO/34, 2005.

RIMBAUD, Arthur. **Uma Temporada no Inferno**. Tradução de Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2002

SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. São Paulo: Abril, 1977.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. *São Paulo: Companhia das Letras, 2003.*